



Edição revista pelo autor.

O robô que virou gente

© Ivan Jaf, 1998

**Diretoria editorial** Lidiane Vivaldini Olo

**Gerência editorial** Kandy Saraiva

**Edição** Camila Saraiva

**Gerência de produção editorial** Ricardo de Gan Braga

**ARTE**

Narjara Lara (coord.), Thatiana Kalaes (assist.)

**Projeto gráfico & redesenho do logo** Marcelo Martinez | Laboratório Secreto

**Capa** montagem de Marcelo Martinez | Laboratório Secreto sobre ilustração de Cris Eich e Jean-Claude

**Editoração eletrônica** Soraia Pauli Scarpa

**REVISÃO**

Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Rosângela Muricy (coord.)

**ICONOGRAFIA**

Silvío Kligin (superv.), Claudia Bertolazzi (pesquisa), Cesar Wolf

e Fernanda Crevin (tratamento de imagem)

**Crédito das imagens** Pedro Luá (p. 116); Marynete Martins (p. 118)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J2zr

3. ed.

Jaf, Ivan, 1957-

O robô que virou gente / Ivan Jaf. - [3. ed.]. - São Paulo : Ática, 2016.

120 p. (Vaga-Lume)

Apêndice

ISBN 978-85-08-18194-0

1. Literatura infantojuvenil brasileira. I. Título. II. Série.

16-33969

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Código da obra CL 739977

CAE 595041

2016

3ª edição

1ª impressão

Impressão e acabamento:



**editora ática**

Direitos desta edição cedidos à Editora Ática S.A., 2016

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

**IMPORTANTE:** Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



A decorative graphic consisting of a series of black dots forming a wavy, looping path that starts from the top left and ends at the top right.

# O Robô Que Virou Gente

IVAN JAF

*Série Vaga-Lume*

A decorative graphic consisting of a series of white dashed lines forming a wavy, looping path that starts from the bottom left and ends at the bottom right.

**ea**

editora ática



## *Um robô muito vivo*

PRONTO PARA ENFRENTAR BANDIDOS DA PESADA? É bom que esteja, porque Pedro está envolvido na maior encrenca por causa de seu tio Mariano.

Acontece que um robô, inventado por Mariano, foi roubado por traficantes, e agora ele deseja recuperá-lo de qualquer jeito. Por que ele não faz outro? Seria muito mais simples! Claro! Só que Mariano é um cientista sentimental que prefere correr perigo a deixar seu invento mais querido na mão de malfeitores. Mal sabe ele que vai colocar Pedro, Andréa e outros amigos na maior confusão.

Cientistas malucos, detetives pirados, policiais esquisitos, traficantes e um robô... esses serão seus parceiros nesta aventura.

É melhor se preparar para virar a página e morrer... de rir!



**sumário**

<i>capítulo 1.</i>	
O gol quase não sai	<b>9</b>
<i>capítulo 2.</i>	
Para que servem os gatos?	<b>15</b>
<i>capítulo 3.</i>	
Quem é vivo sempre aparece	<b>22</b>
<i>capítulo 4.</i>	
A vida não volta atrás	<b>31</b>
<i>capítulo 5.</i>	
O robô faz o que quer	<b>36</b>
<i>capítulo 6.</i>	
E o passado não se apaga	<b>44</b>
<i>capítulo 7.</i>	
Os telefones têm alma?	<b>55</b>
<i>capítulo 8.</i>	
Onde voa um, voam três	<b>60</b>
<i>capítulo 9.</i>	
Sem destino	<b>65</b>
<i>capítulo 10.</i>	
O robô pode sonhar	<b>73</b>
<i>capítulo 11.</i>	
Maluco como uma criança	<b>79</b>
<i>capítulo 12.</i>	
Cérebro sem corpo não serve para nada	<b>88</b>





*capítulo 13.*

Resposta emocional **93**  
é soco na cara

*capítulo 14.*

No final, um doce de leite **103**

*Final* **114**

*Saiba mais sobre Ivan Jaf* **116**







## 1. O gol quase não sai

APÓS MESES DE PREPARAÇÃO a noite do resgate finalmente chegou.

Dia a dia cuidando dos mínimos detalhes, fazendo e refazendo cálculos, criando complexos programas de computação, consultando os maiores gênios da informática do país, pesquisando os mais avançados campos da eletrônica... E depois ter de adaptar todos os equipamentos para funcionar dentro de uma caminhonete... Por fim esperar semanas até o primeiro jogo do Brasil na Copa do Mundo de futebol... Para, em cima da hora, quando já saíam de casa, Mariano bater com a mão na própria testa...

- O que foi, tio? — perguntou Pedro, nervoso.
- Esquequei de botatar gasolina!
- Não acredito!
- Drodroga! Eu...
- Tudo bem.

- O tanque precisava estar cheio.
- A gente passa antes no posto. Vai dar tudo certo.

Pedro trancou o galpão do laboratório antigo, sabendo que não voltaria ali tão cedo.

Céu estrelado. Noite agradável, ideal para reunir os amigos em volta da tevê.

“Todo mundo está fazendo isso. Eu não. Eu tenho um tio maluco.”

Trancou também o portão da rua e ficou na calçada, em frente à garagem. Esperou um bêbado dobrar a esquina. Era melhor não serem vistos pelos vizinhos. Então fez sinal para o tio, que saiu rápido com a caminhonete. O portão automático fechou-se atrás deles, e partiram.

— Se alguma coisa der errado, será que eles mamam a gente?

Pedro não respondeu. Não queria conversar. Quanto mais nervoso, mais gago o tio ficava.

Tiveram de dar uma volta grande até encontrar um posto aberto e aturar a má vontade do frentista:

— Vocês não são brasileiros? — resmungava ele, enquanto os atendia. — O jogo já começou!

Não responderam. Não queriam que ninguém se lembrasse deles e fosse capaz de reconhecê-los no futuro.

Rodaram por ruas escuras e desertas, escutando as tevês, os gritos e os fogos de artifício ecoando na noite.

Pararam na entrada da favela.

Ocultaram a caminhonete atrás de uma caçamba de lixo e em silêncio passaram para a parte de trás, tendo o cuidado de antes apontar a minicâmera de vídeo instalada no alto do capô na direção da única entrada do morro, uma estreita viela entre duas biroschas fechadas.

Haviam lacrado todos os vidros. De longe era apenas uma caminhonete normal. Mas o seu interior parecia a cabine de comando de uma nave espacial.

Pedro e Mariano sentaram-se em suas cadeiras giratórias, cercados por botões, chaves, painéis, relógios, monitores e pequenas luzes vermelhas piscando sem parar.

— Tutudo pronto?

— Vamos lá, tio.

Mariano então ligou solenemente a tevê portátil e começaram a ver o jogo.

E o resgate, tão exaustivamente planejado, quase gorou porque o Brasil simplesmente não fazia o gol, perdia as oportunidades, e os dois começaram a torcer e se esqueceram de tudo.

Só no intervalo continuaram com o plano.

Pedro apertou botões, ligou chaves e ajustou controles. A antena, junto ao espelho retrovisor direito, subiu lentamente. Parecia uma antena de rádio comum, mas tratava-se de uma potente transmissora de faixa unidirecional de alta frequência.

— Pronto, tio.

— Vavava...

— Vamos lá?

— Éé!

Mariano apertou uma série de teclas coloridas. A tevê portátil foi conectada ao sistema de transmissão e o sinal começou a ser enviado. Invisível e inaudível, o código partiu da tevê e pela antena se propagou num raio de oitocentos metros. Um código específico, que só poderia ser captado por alguém em especial.

— E se ele não estiver vendo o jogo?

— Ele adora futebol, Pedro.

— Mas podem ter mandado o coitado comprar cerveja ou sei lá o quê!

— Ele não ia perder esse jogo.

A única coisa a fazer era esperar. E assistir ao jogo também. O gol não saía.

A bola bateu na trave três vezes. Nada.

Os dois esqueceram de acompanhar o que se passava do lado de fora pela minicâmera de vídeo. Xingavam o treinador, os atacantes, o juiz e suas respectivas mães.

De repente ouviram fogos.

Estranharam. Não houve gol.

Pedro apontou para o monitor e gritou:

— É ele!

Na tela aparecia a entrada estreita da favela, as duas biroschas fechadas e, passando entre elas, com seu passo desconjuntado...

— ELE! ÉÉ!

Vinha muito devagar, despreocupado.

Mais morteiros explodiram no ar.

Pedro destrancou a caminhonete e esperou que ele se aproximasse.